

O Modelo Geopolítico de Cohen e a Geoeconomia

Pedro Folgado*

Resumo

O objetivo do presente ensaio é caracterizar o pensamento geopolítico de Saul B. Cohen (com particular enfoque nos principais conceitos teóricos que este apresenta), bem como as visões mais recentes da geoeconomia, de forma a identificar eventuais pontos de contacto.

Assim, na primeira parte começamos por descrever, em termos gerais, o modelo geopolítico preconizado por Cohen, desde as suas origens até ao presente. A segunda parte é dedicada à geoeconomia e às suas principais características, nomeadamente no que se refere à relação entre os fatores económicos e os fatores geopolíticos. Na terceira parte são identificados alguns dos pontos em comum entre o modelo de Cohen e a Geoeconomia, recorrendo à análise e observação de mapas e gráficos. Por fim, serão apresentadas as principais conclusões resultantes da análise efetuada.

Palavras-chave: Cohen, geopolítica, geoeconomia

* Doutorando em Estudos Estratégicos pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

282 *Abstract*

The present essay's purpose is to describe the geopolitical thought of Saul B. Cohen (particularly focused on his theoretical concepts), as well as the most recent geoeconomic views, in order to identify possible points of coincidence. Thus, in the first part we will start by describing in broad terms the geopolitical model advocated by this author. The second part is devoted to geoeconomy and its main features, specifically regarding the link between economic and geopolitical factors. In the third part we will identify some of the main common points between Cohen's geopolitical model and the recent geoeconomic approaches, using and analyzing charts and graphics. In the end, we will present the main conclusions from the conducted analysis.

Keywords: Cohen, geopolitics, geoeconomy

1. O Modelo Geopolítico de Saul B. Cohen

Saul Bernard Cohen é um professor universitário norte-americano, especialista em geografia política e teoria geopolítica e autor e editor de diversas obras e artigos.

Para este autor, a geopolítica define-se como «the analysis of the interaction between, on the one hand, geographical settings and perspectives and, on the other, political processes» (Cohen, 2009: 12). Estas configurações são compostas pelas características e padrões geográficos e pelas diversas regiões formadas enquanto, por sua vez, os processos políticos incluem as forças que operam ao nível internacional e ao nível doméstico e que influenciam o comportamento internacional. Quer os processos políticos quer as configurações geográficas são realidades dinâmicas que se influenciam mutuamente. A geopolítica dedica-se então às consequências desta interação (Cohen, 2009).

O pensamento geopolítico de Cohen assenta numa divisão do mundo em dois tipos de domínios: as regiões geoestratégicas e as regiões geopolíticas.

As regiões geoestratégicas representam extensões espaciais amplas, com significado global e influência mundial, política e culturalmente orientadas para poderem opor-se a inimigos comuns (Correia, 2004). Configuram, segundo Cohen, uma «expressão das inter-relações existentes numa vasta parte do mundo, analisado em termos de localização, circulação, comércio e orientações políticas, culturais e ideológicas» (Correia, 2004: 201).

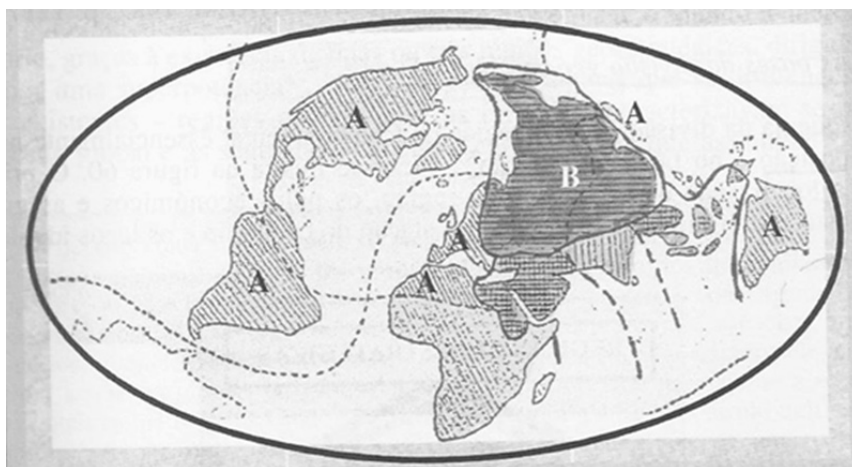
As regiões geopolíticas correspondem a uma subdivisão das regiões geoestratégicas. São extensões regionais contíguas e complementares em termos de recursos, onde se verificam comportamentos políticos comuns e características geográficas semelhantes (Correia, 2004), «constituindo-se como bases para o surgimento de *nódulos de poder* no interior das regiões geoestratégicas» (Dias, 2010: 205).

Neste sentido, podemos dizer que a principal diferença entre as regiões geoestratégicas e as regiões geopolíticas reside no significado global das primeiras e regional das segundas (Dias, 2010).

Esta tipologia de domínios corresponde a uma estratificação em dois níveis, à qual dever ser associado um terceiro nível: o Estado. Neste sentido, identificam-se três níveis de análise que se poderão definir como macro (região geoestratégica), meso (região geopolítica) e

284 micro (Estados, regiões autônomas ou outras subdivisões territoriais) (Cohen, 2009).

Inicialmente, Saul Cohen considerou a existência de dois grandes domínios geoestratégicos: o mundo marítimo e o mundo continental euro-asiático (Correia, 2004) admitindo, no futuro, o surgimento de uma outra região geoestratégica centrada no Oceano Índico (Dias, 2010). Esta divisão, apresentada em meados dos anos 1960, resulta do contexto de *Guerra Fria* que, à época, se verificava.



A: Mundo Marítimo Dependente do Comércio
B: Mundo Continental Euro-asiático
Fig. 1 – *As regiões geoestratégicas* (Dias, 2010: 204)

A União Soviética era assumidamente a potência que correspondia ao padrão continental e os Estados Unidos a potência padronizada como marítima. A primeira com capacidade de projetar poder na Eurásia e a segunda, para além de possuir características continentais na sua *terra mãe*, ostentava decisiva capacidade de projeção de poder e podia intervir em qualquer local do globo alcançável a partir do mar.

Tal como previsto por Mackinder, Spykman e Cohen, a potência marítima lidera um conjunto de pactos e alianças com Estados da periferia da Eurásia para aplicar a sua estratégia de contenção, num mundo em que a distribuição de poderes se manifesta nitidamente bipolar, sendo essa região o principal pólo de atuação e de exercício de influência.

Mais recentemente, Saul B. Cohen identificou um terceiro domínio geoestratégico, localizado na Ásia Oriental, centrado na China, e que compreende características marítimas e continentais, resultando num domínio que se poderá chamar *anfíbio*. Esta região corresponde atualmente à maior concentração de população mundial.

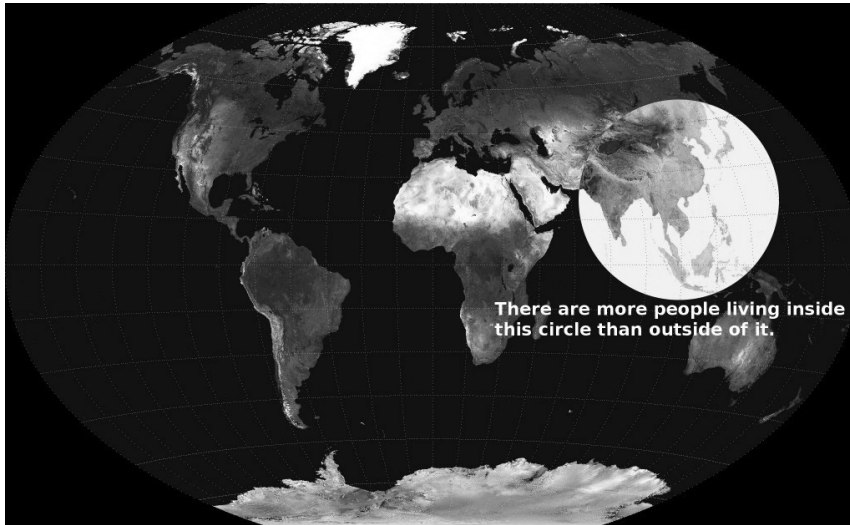


Fig. 2 – Mais de metade da população mundial vive na área correspondente ao interior do círculo¹

Da conceção de Cohen resulta um terceiro conceito, que se refere aos pontos de fricção entre os domínios geoestratégicos e que configuram «regiões geopolíticas especiais e independentes» (Correia, 2004: 202). Por outras palavras, representam uma «grande região estrategicamente situada, ocupada por um certo número de Estados em conflito e refém dos interesses opostos de grandes potências contíguas» (Correia, 2004: 202). A este conceito foi atribuída a designação de *shatterbelt* ou cintura fragmentada. Por outras palavras, as dinâmicas geopolíticas globais assentam na competição entre domínios geoestratégicos, o que leva ao surgimento de diversos focos localizados de tensão e/ou conflito.

1. Fonte: <<http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2013/05/07/map-more-than-half-of-humanity-lives-within-this-circle/>>, último acesso a 17 de janeiro de 2014).

Cohen identifica ainda um quarto conceito referente aos Estados facilitadores da circulação de pessoas, bens e ideias (Cohen, 2009), a que chama de *gateway states*. Estes Estados são pequenos em área e população e localizam-se frequentemente perto das principais rotas de acesso. Possuem recursos (humanos e/ou naturais) altamente especializados, sobre os quais se podem construir economias exportadoras (Cohen, 2009). Por não serem autossuficientes, dependem do comércio com outros Estados e tornam-se, por isso, importantes pontos de encontro e plataformas de circulação. Dada a sua pequena dimensão, tornam-se habitualmente fontes de emigração, o que lhes permite adquirir ligações a comunidades localizadas noutros países, onde poderão ir buscar fluxos de capital e *know-how* tecnológico (Cohen, 2009). Globalmente, estes Estados desempenham um papel positivo no âmbito da cooperação económica e social, não obstante Cohen sustentar que, por vezes, se podem verificar exceções. Por exemplo, considera que «Jamaica and Cape Verde Islands are Gateways for the transfer of Andean cocaine for the European market» (Cohen, 2009: 53).

2. Da Geoeconomia

Se durante um longo período da História a segurança político-militar constituiu a principal preocupação de um Estado no âmbito da sua política externa, com o passar do tempo, e especialmente após o final da *Guerra Fria*, as questões económicas tornaram-se no principal enfoque das relações entre Estados. Neste sentido, Almeida (2012: 235) considera as componentes económicas essenciais, uma vez que «(...) embora conjunturais, têm a capacidade de modelar o Estado de uma forma mais duradoura, o que se vem a refletir na sua força, tanto interna como externa». Assim, a geopolítica evolui de forma a acompanhar as novas dinâmicas do relacionamento entre o poder e o espaço.

De entre estas novas dinâmicas, algumas são particularmente relevantes para o surgimento da geoeconomia: a multiplicação de redes de interdependência (o mundo é mais pequeno com as comunicações), a competitividade económica (passa a ser o critério decisivo de poder com a queda da cortina de ferro) e o surgimento de atores não-estaduais (aparecimento na cena internacional de atores heterogéneos para além dos Estados).

Philippe Moreau Defarges defende que no final do século XX se tomou consciência de três factos fulcrais: «Primeiro, a finitude da Terra. Os homens podiam, finalmente, encarar o planeta como um todo e que só numa perspetiva global, de toda a humanidade para todo o espaço, os graves problemas com que esta se defronta são suscetíveis de solução. (...) Segundo, a ocupação, a conquista e a partilha da Terra estão concluídas, o espaço terrestre está politicamente dividido, pelo que a busca de poder se orienta preferentemente para outros objetivos que já não o solo, mas o controlo de fluxos, de bens, de capitais, de pessoas, de imagens. Terceiro, a permeabilidade das fronteiras, face à mobilidade de capitais, de pessoas em busca de trabalho, da informação. Isto implica que, para lá das fronteiras oficiais, fixas, bem delimitadas, surjam outras fronteiras fluidas, flutuantes, diferenciadas consoante a matéria em causa. Hoje há a considerar fronteiras geográficas, fronteiras nacionais, fronteiras regionais, fronteiras culturais e civilizacionais, fronteiras económicas, fronteiras de segurança e nada obriga a que cada uma delas coincida com as restantes» (Correia, 2004: 247).

É neste contexto que surge a geoeconomia, cuja definição ainda hoje suscita algumas ambiguidades, e que vem, até certo ponto, reintroduzir uma perspetiva de análise da geopolítica clássica, dada a articulação entre espaço, geografia e poder. A geoeconomia relaciona-se com a necessidade da gestão do espaço para servir o poder (nova geopolítica) mas também com substituição do militar pela economia e a economia pelo poder (geopolítica clássica). No seguimento da afirmação de Luttwak de que «as guerras militares foram agora substituídas pelos conflitos económicos» (Ferreira, 2005), pode dizer-se que «a geoeconomia tomou o lugar da geopolítica» (Lucas, 2006).

De acordo com Baru (2012: 2), podemos definir a geoeconomia em duas vertentes diferentes: «as the relationship between economic policy and change on national power and geo-politics – in other words, the geopolitical consequences of economic phenomenon, or, as the economic consequences of geopolitical trends and national power. Both the notion of *trade follows the flag*, that there are economic consequences of the projection of national power, and the idea that *the flag follows trade*, that there are geopolitical consequences of essentially economic phenomena, would constitute the subject matter of geo-economics».

Considerando estas duas vertentes (as consequências geopolíticas dos fenómenos económicos e as consequências económicas das tendências geopolíticas), verificamos umnexo de causalidade dual ou, por outras palavras, uma inter-relação de efeitos recíprocos.

Assim, e tendo também como referência a caracterização da geoeconomia que nos é dada por Correia (2004: 281) enquanto «a política orientada para intervir na resolução de problemas espaciais associados à economia, gestão de recursos, de fluxos, de resposta equilibrada às necessidades humanas», podemos dizer que esta está menos *interesada* em fatores estritamente geográficos e de poder militar do que em fatores de ação económica, política e globalização.

3. Pontos de Contacto entre a Geoeconomia e o Modelo Geopolítico de Cohen

De acordo com Correia (2012: 284), os espaços geoeconómicos apresentam-se em vários níveis: «o mundial ou global; o regional supraestatal (blocos económicos); o nacional ou do Estado soberano; o regional subestatal que pode agrupar regiões de diferentes Estados vizinhos». No mesmo sentido, como já referimos, também Cohen prevê diversos níveis espaciais (geoestratégicos, geopolíticos, Estado).

Uma atualização da análise deste autor (Cohen, 2009) identifica o Médio Oriente como a zona de instabilidade ou cintura fragmentada (*shatterbelt*) por excelência, considerando que o Sudeste Asiático já não o é, uma vez que incluiu a região geoestratégica capitaneada pela China. Considera também que o continente africano se mantém como uma grande cintura fragmentada prevendo, no entanto, a emergência do sul deste continente como uma «*cohesive geopolitical region*» (Cohen, 2009: 29). Por outro lado, este autor manifesta dúvidas no que se refere ao que designa como Zona de Convergência Euro-asiática (2009: 29) e que se estende do Báltico, através da Europa de Leste, do Trans-Cáucaso, e da Ásia Central, até à Mongólia, deixando em aberto as possibilidades de se tornar numa nova cintura fragmentada ou evoluir para um *gateway* entra o Ocidente e a Rússia.

Assim, se tomarmos em consideração alguns dos principais indicadores económicos e os analisarmos tendo em conta a geografia do planeta, poderemos identificar alguns factos relevantes.

Se tivermos por referência a tipologia dos salários por país, representados no mapa abaixo, verificamos que os países melhor classificados se encontram nas zonas mais próximas do centro nevrálgicos das regiões geoestratégicas (Estados Unidos da América, Europa, Rússia e China). Ao mesmo tempo, constatamos o fraco posicionamento da maioria dos países localizados na zona central de África e Médio Oriente (embora de forma não tão evidente nestes últimos).

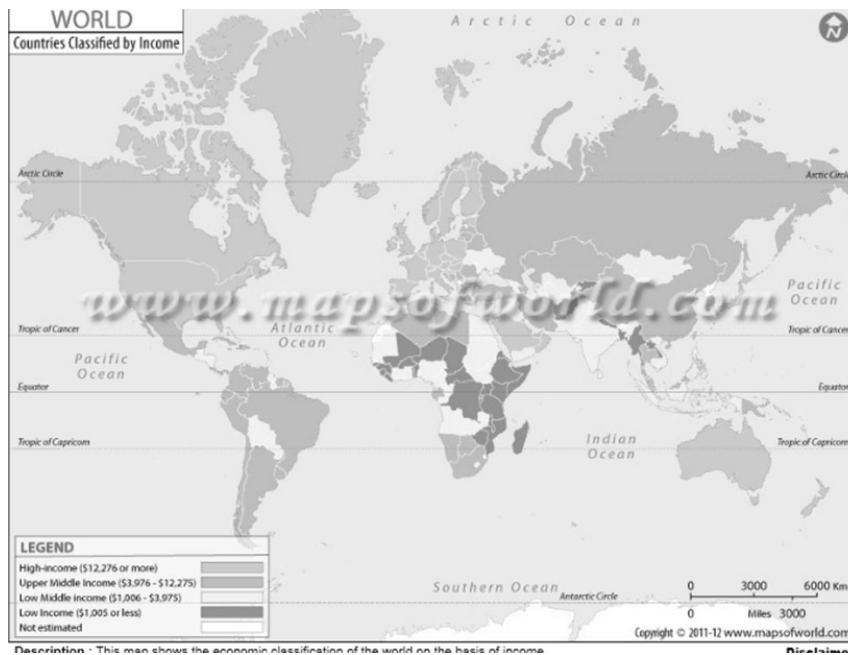


Fig. 3 – Classificação dos países por tipo de salário (2011)²

No mesmo sentido, verificamos que os dez países com maior Produto Interno Bruto³ (Fig. 4) estão também próximos do centro das suas regiões geoestratégicas.

2. Fonte: <<http://www.mapsofworld.com/thematic-maps/economy-maps/world-economic-classification.html>> (referência de 20-01-2014).
3. O Produto Interno Bruto representa o somatório dos bens e serviços finais produzidos num país, durante um determinado período de tempo.

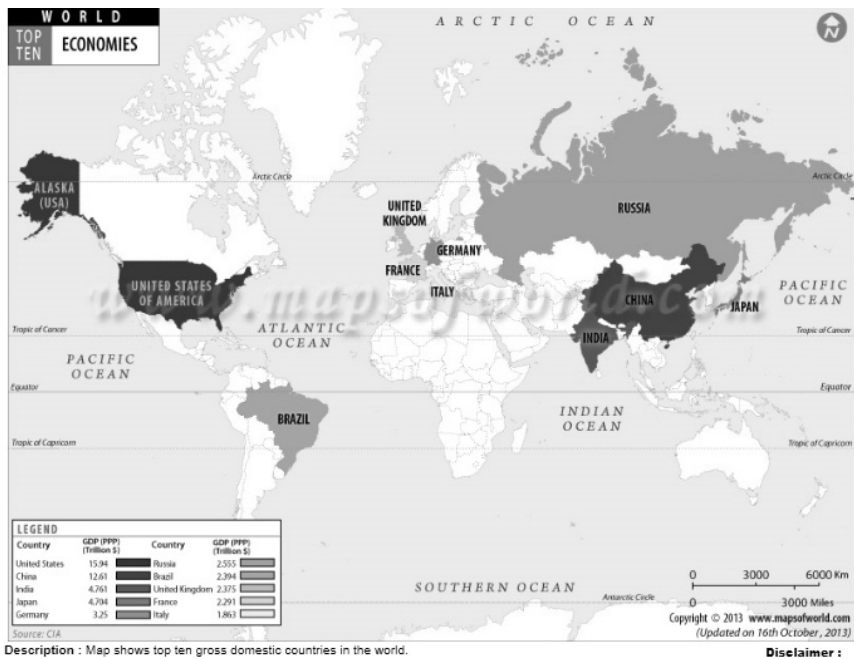


Fig. 4 – As dez maiores economias do mundo (2013)⁴

Por outro lado, o *ranking* dos países mais pobres, em 2013 (Fig. 5), localiza-os maioritariamente no continente africano, acentuando a sua tendência para se manter como uma grande cintura fragmentada.

4. Fonte: <<http://www.mapsofworld.com/world-top-ten/world-top-ten-gross-domestic-countries-map.html>> (referência de 20-01-2014).

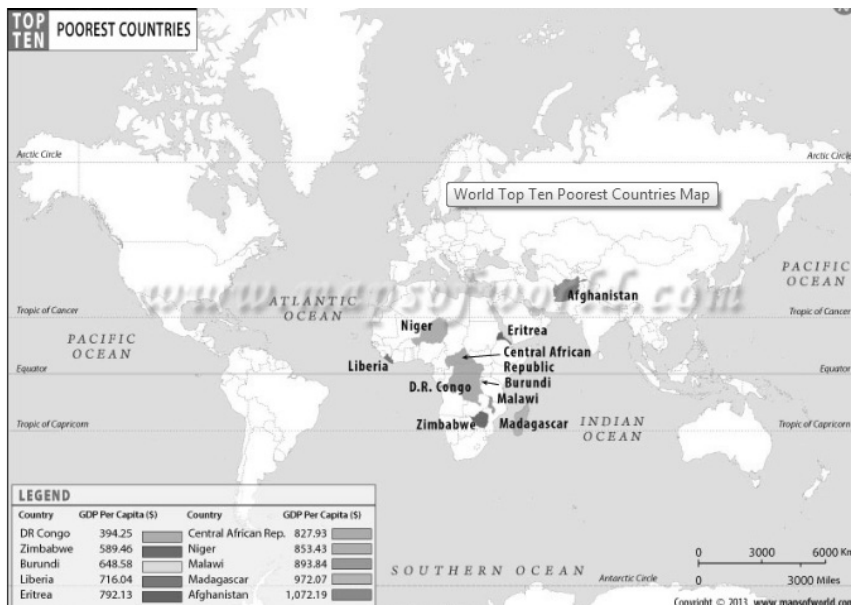


Fig. 5 – Os dez países mais pobres do mundo (2013)⁵

No que diz respeito ao poder militar, tendo como referência os gastos militares, mais uma vez verificamos que o *ranking* dos países com os maiores gastos em matéria de defesa é encabeçado pelos Estados que emergem como principais referências em cada uma das regiões geoestratégicas identificadas por Cohen (Fig. 6).

5. Fonte: <<http://www.mapsofworld.com/world-top-ten/world-top-ten-poorest-countries-map.html>> (referência 20-01-2014).

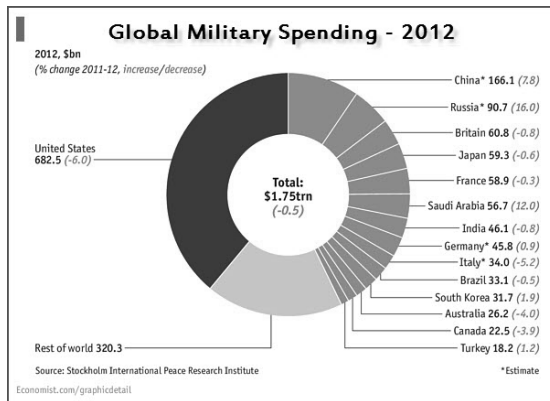


Fig. 6 – Gastos militares (2012)⁶

Em relação aos conflitos em curso no ano de 2012, podemos verificar uma particular incidência nas cinturas fragmentadas do Médio Oriente e África bem como na Zona de Convergência Euroasiática e em alguns pontos do Sudeste Asiático.

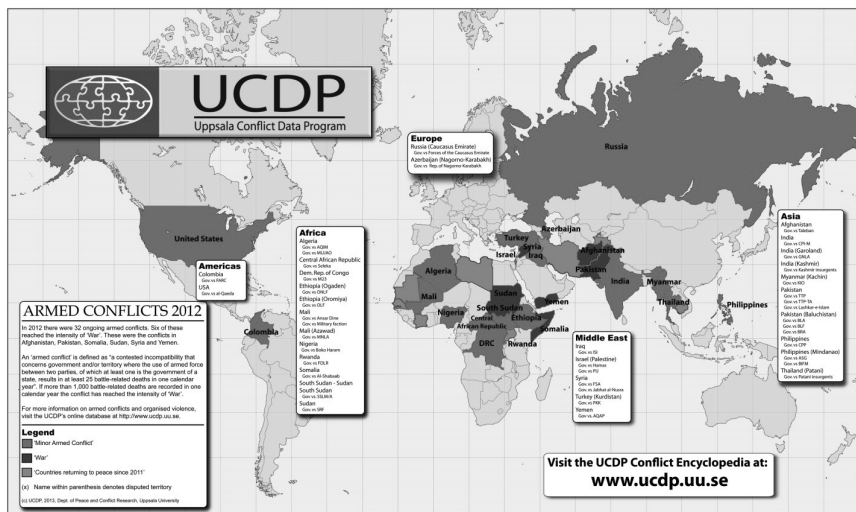


Fig. 7 – Mapa dos conflitos no mundo (2012)⁷

6. Fonte: <<http://www.jobs-not-wars.org/global-military-spending2012-chart/>> (referência de 20-01-2014).
7. Fonte: <<http://uppsalaconflictdataprogram.wordpress.com/2013/09/19/map-of-the-worlds-conflicts-in2012/>> (referência de 20-01-2014).

De referir que os Estados Unidos da América são indicados nesta distribuição geográfica dos conflitos por se considerar a luta contra a al-Qaeda, e a Rússia no que respeita ao conflito no Cáucaso. Constatase que as situações de guerra e as de conflito (ou recuperação deste) se encontram efetivamente localizadas nas áreas identificadas por Cohen como cinturas fragmentadas ou em vias de se tornarem em tal cenário.

Conclusões

A multipolarização económica do mundo, traduzida na emergência de novas potências (como é o caso da China), a globalização, bem como as crises económicas e financeiras, levam ao surgimento de novos vetores da análise geopolítica ou, como referem alguns autores, ao surgimento de uma nova geopolítica (Correia, 2004).

Neste contexto, importam não só as análises assentes na relação entre as características geográficas de um determinado território e os respetivos processos políticos, mas também a influência, por exemplo, dos fatores geográficos na competitividade económica e desta na ação política e/ou vice-versa. Assim, mais do que simplesmente abandonar as teorias geopolíticas ditas *tradicionais*, talvez importe revisitá-las à luz destas novas abordagens.

Como vimos, a visão do mundo de Cohen centra-se predominantemente em duas dimensões de análise: a posição e a circulação. O seu modelo geopolítico baseia-se na divisão do mundo em dois tipos de regiões (geoestratégicas e geopolíticas) de diferentes níveis e dimensões, compreendendo ainda dois outros conceitos: *shatterbelts* e *gateways*.

Por seu lado, a geoeconomia embora tendo origens implícitas algo recuadas (bastando para isso recordar a ação política decorrente do mercantilismo e as dinâmicas de relacionamento entre os Estados nessa época) ganha hoje um novo fulgor. A deslocação de ênfase do poder militar *stricto sensu* para as capacidades e poder económico, bem como a crescente (inter)relação entre as decisões económicas e a ação política abrem novas possibilidades de análise no âmbito da geopolítica.

Quer o modelo geopolítico de Cohen quer a Geoeconomia apresentam uma visão dos espaços decomposta em diversos níveis, em função da sua dimensão (geográfica e/ou económica), aos quais correspondem determinadas características comuns. Se tivermos em consideração a

294 representação do globo de acordo com o modelo de Cohen e sobre ele fizermos uma análise em termos geoeconómicos, poderemos chegar a algumas conclusões gerais relevantes:

- a primeira é que os *shatterbelts* correspondem a áreas de conflito e pobreza endémicos, não obstante a existência de consideráveis recursos naturais;
- os Estados líderes das regiões geoestratégicas correspondem às maiores economias mundiais e, simultaneamente, aos maiores investidores em defesa e armamento;
- a estabilidade política e o crescimento económico são interdependentes podendo contribuir para o surgimento de zonas de estabilidade ou mesmo regiões geopolíticas (veja-se o caso da zona sul do continente africano);
- em sentido inverso, verifica-se também uma relação de interdependência entre a instabilidade política e a degradação das condições económicas, podendo criar as condições para o surgimento de uma cintura fragmentada (como por exemplo a zona de Convergência Euro-asiática);
- os Estados *gateway* correspondem a zonas de elevada circulação de pessoas, bens e mercadorias, politicamente estáveis e com poucos recursos naturais.

Verificamos, portanto, que não só o modelo geopolítico de Saul Cohen mantém a sua atualidade, como as abordagens geoeconómicas lhe conferem uma renovada importância.

Referências Bibliográficas

- Almeida, P. (2012). *Do Poder do Pequeno Estado*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Baru, S. (2012). *A New Era of Geo-economics: Assessing the Interplay of Economic and Political Risk*. Online: <<http://www.iiss.org/-/media/Images/Events/conferences%20from%20import/seminars/papers/64319.pdf>> (referência de 12-01-2014).
- Cohen, S. (2009). *Geopolitics – The Geography of International Relations*. 2nd ed. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers Inc.
- Correia, P. (2004). *Manual de Geopolítica e Geoestratégia: Vol. I – Conceitos, Teorias e Doutrinas*. 2ª ed. Coimbra: Quarteto Editora.

- Dias, C. (2010). *Geopolítica: Teorização Clássica e Ensinos*. Lisboa: Prefácio. 295
- Ferreira, T. (2005). *A Geoeconomia Como Determinante nas Relações Internacionais da Nova Ordem Mundial*. Online: <<http://www.sedep.com.br/?idcanal=25160>> (referência de 21-01-2014).
- Lucas, J. (2006). *Segurança Económica*. Online <<http://mardosuldachina.blogspot.pt/2006/11/29-11-2006-segurana-econmica.html>> (referência de 02-03-2013).